

O RISÍVEL NO BUMBA-MEU-BOI DE SEU LOURENÇO PINTO¹

Gisele Soares de Vasconcelos*

RESUMO

Tomando como observação empírica, as apresentações da comédia em Santa Helena e, como fundamentação teórica, os estudos sobre mito e rito e sobre festa e riso, este texto busca analisar a comunicação cômica no Bumba-meu-boi “Capricho de União”.

Palavras-chave: Bumba-meu-boi. Comédia. Festa. Riso. Maranhão.

1 INTRODUÇÃO

Santa Helena é uma cidade localizada na microrregião da Baixada Maranhense e na mesorregião Norte do Maranhão. Fica localizada a 120 Km de distância do Porto de Cujupe, porto que liga São Luís (Porto da Ponta da Espera - Itaqui) à região da Baixada Maranhense, por meio do *ferry boat*. Criada em 1935, anteriormente era apenas um distrito de Pinheiro, cidade central da região. Banhado pelo Rio Turiaçu, o município de Santa Helena tem aproximadamente 32.223 habitantes e 2.539 km², segundo dados do IBGE, ano de 2003². A fonte de sobrevivência da população são basicamente: a pesca, a pecuária e a agricultura de subsistência.

O bumba-meu-boi, predominante na região, é o de *Zabumba*. O sotaque de zabumba é considerado pelos *baiantes* e também pelo meio intelectual como o mais antigo de todos os *sotaques*, “onde a presença africana é mais incisiva, apoiando-se nos tantãs - tambores enormes, de percussão rústica – que reproduzem o ritmo mais lento, socado, que lembra a melancolia do banzo ou a tristeza das senzalas” (CARVALHO, 1995, p.48). Embora essa afirmação de que seria o mais antigo não tenha uma justificativa aprofundada quanto ao seu surgimento, muitos se utilizam dela devido a forte presença africana nos toques, nas indumentárias e nos bailados.

*Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão.

Recebe essa denominação devido a presença marcante do instrumento percussivo *zabumba*, “grande bumbo conhecido em todo o Brasil”(AZEVEDO NETO, 1997, p.35) que se une a outros instrumentos percussivos como *tambor-onça*, *tamborinho*, *maracá* e *apito*. Também esse estilo/sotaque/grupo é conhecido pelo nome de *Sotaque de Guimarães*, devido a sua predominância, em grande parte do território que vai de Pinheiro a Guimarães.

O bumba-meu-boi de *zabumba* possui, nos seus elementos visuais e sonoros, variações em relação a outros *sotaques* e também em relação aos diversos grupos do mesmo *sotaque*. Variações quanto ao ritmo, ao bailado, aos instrumentos, às indumentárias, às *toadas* e aos personagens que acabam por fundamentar essa divisão, o que resulta em diferenças e semelhanças quando abordadas em nível comparativo com outros grupos do mesmo ou de outro *estilo-sotaque*.

Sem a intenção primeira de estabelecer comparações com outros grupos e sim de reconhecer as características próprias das visualidades, sonoridades, modos de ser e parecer do bumba-meu-boi Capricho da União, de Seu Lourenço Pinto, apresento o narrador principal desta história e os elementos constitutivos de seu Bumba-meu-boi, buscando significações na fala de seus fazedores, com intermediações das falas de intelectuais, antropólogos e sociólogos que trabalham com o tema festa e riso.

2 SEU LOURENÇO PINTO – O NARRADOR DESTA HISTÓRIA

Em Santa Helena, município do Maranhão, Seu Lourenço Pinto, nascido em 1937, em São Raimundo, comunidade de Santa Helena, trabalhador rural, planta mandioca, arroz, milho, verduras, começou a brincar Boi quando tinha 12 anos e era *baiante* de chapéu de fita do Boi de Luis Maia e Malaquias, em Pau Pombo (Pinheiro-MA). Começou a brincar levado pelo irmão, que era cantor³ do boi, mas o seu desejo maior não era ser *baiante* de Chapéu de Fita, era fazer a matança: “Meu prazer era olhar a matança, pensava: se fosse eu, eu dizia assim...”

“Em São Raimundo”, continua a sua história:

coliguei no Boi de Zé Raimundo, quando vi ele fazendo comédia, queria fazer também, ele achou que eu não dava, que era distraído, ‘sonilêncio’ e não quis aceitar. Foi numa noite, depois que Raminho acabou a comédia, eu pedi o veste dele com uma máscara de borracha e ele me deu, ele ia embora pra Carolina. Escondi na sacola, botei no fundo da mala da velha. No caminho pra Pinheiro, com o Boi de Zé Ramos eu levei escond

dido as vestes sem ninguém saber. O 2º palhaço adoeceu e eu pensei: esse camarada não foi, quem sabe vai e cai pra mim. Logo pensaram: Cesário ficou doente ... e quiseram me experimentar. Eu já tinha tudo em mente, me deram o papel e roupa do rapaz, mas a minha era muito mais bonita, a máscara de borracha era novidade, de língua pra fora, mexia os olhos. No meu papel eu cheguei e me apresentei com aquela máscara muito importante e feiosa, primeira coisa que fiz foi salvar a assistência de Presidente Sarney e pedir aplausos pela 1ª vez que estava apresentando, dizia que apresentava no Circo, o primeiro bloco, o 2º quadrilha e fazia a marcação da dança. Dancei muito bonito. Botaram o apelido de Fofó. Quando passou a comédia todo mundo queria me conhecer ao vivo e eu me escondia. No segundo dia o companheiro tava bom, mas sabia que o meu trabalho era superior me falou pra ficar com o papel. Fiz como quem não queria, mas aonde, fiquei foi contente, tava ‘caqueando’ há dois anos... Daí eu que tinha que ficar dirigindo as comédia. Zé Ramos criava e eu dirigia. Depois de uns três, quatro anos ele desistiu e aí fui eu mesmo inventar, fazer e apresentar (Lourenço Pinto 17/09/2006).

Depois de contar a sua história de vida, em como começou a ser *palhaço de comédia de bumba-meu-boi*, Seu Lourenço fala de algumas preocupações, de seus grupos de referências e de seus “adversários”, visto que, segundo ele, “a brincadeira é um concurso uma competição, só que não é chamado pra arraial, fica na voz do povo!”

Sobre seus adversários, destaca José da Hora, e diz: “tem vontade de chegar à minha posição, mas ainda não foi possível”. Também destaca Valdiná Barbosa, e ressalta: “Eles não me *panham* por que eles não tem mão de obra, eu tenho filho, neto, mulher. De filho a neto brinca no Boi”. Como boi de referência, afirma ser o Boi de Guimarães de Marcelino Azevedo, no ritmo de Zabumba, o melhor, porém “largou de fazer comédia, quem fazia morreu e não ficou com ninguém”.

A experiência, conforme depoimento de Seu Lourenço Pinto, continua sendo um fator determinante para a realização da matança-comédia no bumba-meu-boi: “se eu parar de fazer tenho medo de acabar, na hora do segredo, de botar o material em cima da fôrma, os discípulos não estão pra olhar, não se interessam, vão jogar bola!”

Seu Lourenço, colocado aqui, como um artista, que, num embate com princípios da vida moderna, acabou por consagrar-se como excluído, conservando traços de humanidade, da criatividade e da sabedoria, é referência para esta pesquisa.

A dimensão simbólica, preservada nos subterrâneos de sua memória, revividas anualmente nas festas, nos mitos e nos ritos; a sua experiência, suas narrativas e sua história de vida servem, nesse sentido, lembrando uma lição retirada do Teatro das Memórias Sociais, “como chave simbólica para pensar problemas relativos aos traumas históricos passados pela comunidade estudada. Comunidade marcada pela espoliação, escravidão e negação de direitos coletivos durante séculos de formação colonial” (CORRÊA, 2006, p.74).

3 BUMBA-MEU-BOI CAPRICO DA UNIÃO E SEUS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS

3.1 A bateria certa

Soprei apito/ depois que deu uma rajada/ Avisando a vaqueirada/
que o bom tempo chegou/esses que gostam da festa/ deste nos-
so protetor/ faça o favor de ouvir/ esse conselho que eu dou/ eu
até fiz uma jura de nunca mais conselhar/ só por causa do con-
selho/ que eu dei pra Ribamar/ e a resposta que ele deu/deu pra
mim exemplar/ mas é que é minha turma/ e eu tenho que
conselhar/Logo o primeiro pedido/Pro **baiante do cordão**/Eu
não quero ver chapéu/ de vocês de mão em mão/ por que se
isso acontece/só dá vez pra confusão/E também pros
zabumbeiro um pedido eu vou fazer/arreia a caixa no chão/na
hora de aborrecer/ mais se um posterior pedir/ até por favor
não dê/ E também os **pandeiristas**/ eu tenho que avisar/ não dá
pandeiro pra outro/ pra evitar de furar/ por que tem muitos que
pede/ só pra festa não prestar/e o quarto pedido que eu faço/
para a minha **vaqueirada**/ eu quero muito silêncio/ quando eu
cantar a toada/ que é pra no final da festa/ não servir de caçoada
(Toada do bumba-meu-boi “Capricho de União” /2006).

A bateria do boi de zabumba Capricho de União é composta pelos instrumentos: zabumba, pandeirinho, maracá, apito e ritinta.

O sucesso da festa depende em grande parte do acerto da bateria, cada qual é responsável pelo seu instrumento: zabumbeiros com suas zabumbas, pandeirista com os pandeirinhos, cabeceiras soprando apito e soltando a voz, cada qual com a sua função, com a sua responsabilidade, “que é pra no final da festa não servir de caçoada”. A bateria deve seguir a cadência certa e tocadores devem agir com seriedade, sempre orientados pelo canto do *cabeceira* e balanço do maracá.

Para a confecção do tambor *zabumba*, Seu Lorenço utiliza tonél de óleo e

couro de boi. No ano de 2006, ele trocou alguns tambores com cobertura de couro de bicho pelos chamados *tambores de arroucho*. Para Dona Romilda, esposa de seu Lourenço, “é caro pra comprar, mas economiza depois, com couro de bicho que tem que esquentar, gasta muito couro, cada noite tinha que cobrir de novo, assim não precisa esquentar o couro” (Romilda 17/09/2006). Diz ainda, “Lourenço não tem pena de gastar, fica com fome pra comprar uma pele de cobra pra cobrir tambor”.

O Boi de Seu Lourenço Pinto, “Capricho de União”, *sotaque de zabumba*, incorporou novos toques, inspirado nos bois de sotaque de orquestra, pois muitos de seus cabeceiras cantam também em *bois de orquestra*, em povoados e municípios próximos de Santa Helena.

Atualmente, o boi de Seu Lourenço possui, como ele mesmo diz, o ritmo lento da zabumba e o ritmo das tapuias, que é mais acelerado, remetendo ao ritmo, tocado nos bois de orquestra.

Sobre a incorporação desse novo ritmo, que contou também com a inclusão do instrumento *ritinta*, ele explica: “é pra incentivar e motivar mais a brincadeira”.

Para Marques (2003, p. 92) essas transformações são “frutos das trocas de informações com outras esferas culturais e da necessidade de atualizar a mensagem transmitida anualmente”.

Essas mudanças, alterações no modo de apresentar a brincadeira, apontam para a discussão da tradição/modernidade no bumba-meu-boi, na qual, segundo a autora:

designar-se tradicional num momento e moderno num outro faz parte da natureza plural e universal do folguedo porque reforça a sua identidade como parte de um gênero reconhecido como folclórico/popular, possibilitando a sua sobrevivência diante dos demais grupos, estimulando a concorrência e, repondo a cada momento, os vários papéis e atuações que o folguedo representa/apresenta nos espaços público/privado (MARQUES, 2003, p. 92).

3.2 Toadas – cantos de depoimento

As próprias toadas tem características diversas nos dois toques: no da zabumba, ritmo mais lento, as toadas são mais compridas, têm características de conselho, relato de histórias, depoimentos, tratam de temas sociais da atualidade.

Inácio Lula da Silva/ age com grande critério/ como ele vem fazendo/ é desse jeito que eu quero/mesmo eu não tendo

salário/ mas eu não me desespero/ o presidente do Brasil/ prometeu e assumiu/ com o programa fome zero/ O programa fome zero/ geral à população/ neste país brasileiro/ está em todo sertão/pra dizer que não é verdade/ é gente da oposição/ pessoas que não tem Deus/ dentro do seu coração/O pessoal mais carente/ que não tinham condição/ hoje vejo em sua mesa/ carne, arroz e feijão/um cafezinho com leite/ uma manteiga com pão/ Todo o começo de mês/ noventa em cinco em sua mão/ O Brasil tá orgulhoso/ com o presidente que tem/ com quatro anos de mandato/ nunca perseguiu ninguém/sempre é o lado do povo/ só pensando em fazer bem/ sabe que os pobre tem fome/ vamos ajudar o home/ que mais benefício vem/ existe vários projeto/ que no passado não tinha/ hoje com pouco dinheiro/ você mantém a sua cozinha/ a carne caiu de preço, feijão, arroz e farinha,/ tão aqui emprestando dinheiro/ até pra criar galinha/ vamo olhar o presente/ não esquecer do pra tras/ pra governar o Brasil/ já mostrou que é capaz/ é cadastro bolsa família/ liberou o vale gás/ acabou com a inflação/ que perseguia demais/ desde já posso dizer/ pro mundo inteiro saber/ que esse é o governo da paz/ que todos os mais importante/ e agora eu vou falar/ pessoa desinformada/ pois procure se informar/ no Brasil inteiro tem/ a farmácia popular/ vendendo remédio mais fácil/ pros pobre poder comprar/ presta atenção meu povo é certo o que eu tô dizendo/ presta atenção meu povo é certo o que eu tô dizendo/ as pesquisas tão mostrando/ Brasil inteiro tá vendo/ tudo de bom para os pobre Lula da Silva fazendo (toada de Aboud, ritmo de zabumba, lento / 2006)⁴.

Nas toadas de ritmo rápido, os temas falam da morena, da natureza e são toadas curtas e aceleradas, que lembram as dos *bois de orquestra*. São mais apropriadas, segundo seu Lourenço Pinto, para a dança das *tapuias*:

Morena linda do cabelo longo/ do corpinho de sereia/ cintura de violão/ se eu pudesse e você quisesse/ moreninha eu queria ser seu namorado/ e quero ao menos ser o teu amigo/ então vem brincar comigo e ficar do meu lado/ Vamos brincar bumba boi ê qui ô ê qui ô/ Vamos brincar bumba boi ê qui ô ê qui ô/ Capricho de União/ a brincadeira mais linda que São João abençoou (toada de Zé Orelha, ritmo acelerado/ 2006).

Há também um toque mais compassado que é característico da **despedida**, etapa final de uma apresentação do bumba boi, hora da separação, do descanso do batalhão e também hora da retirada, preparação para uma próxima apresentação: “adeus querida que eu já tô indo me embora/ chegou a hora da triste separação” (toada de despedida / 2006).

As apresentações do bumba-meu-boi, “Capricho de União” seguem a sequência das etapas: **Guarnicê-Reunida, Lá Vai, Chegada-Licença**. Há nesse momento uma pausa na sequência das toadas para a apresentação da **comédia**. Todas as toadas cantadas na **comédia** dizem respeito à temática do **drama cômico** apresentado, que tem como eixo central o sumiço do boi e a aquisição do novo boi, uma “jóia de valor”: “O meu vaqueiro comprou / uma jóia de valor / ele entrega pro patrão / a jóia de São João protetor” (toada, 2006).

Após a vinda do novo boi, mais bonito que o anterior, vem o canto da alegria. Pode ser o **Urrou**, quando o novo boi é trazido por aquele que roubou o novilho antigo e, desse modo, o patrão quer vê-lo urrar para garantir que a troca foi satisfatória. Quando o boi é comprado pelos vaqueiros, não precisa urrar, pois o patrão confia na nova aquisição de seu capataz. Então, canta-se o **Rola-Boi** no lugar do **Urrou**, marcando o fim da **comédia**.

A seguir, há uma sequência de toadas de **depoimentos** e após, canta-se a **Despedida** para, enfim, cantar o **Parou**, momento final da apresentação.

3.3 Papéis Imaginários e Papéis Sociais

Os componentes do boi trabalham juntos, compartilhando valores como, amizade, companheirismo, responsabilidade e vontade de “brincar”. Assumem um modo de relacionamento com características semelhantes às que Turner denominou de *communitas*, “uma comunidade, ou mesmo uma comunhão, de indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciãos” (TURNER, 1974, p.119).

No Maranhão, os bois tem, geralmente, um dono, que é o responsável pela organização financeira, criativa e ritualística da *brincadeira*. Os bumba-bois podem ter nomes diversos, que, sempre na prática, acabam por serem substituídos pelo nome do dono do boi. O Bumba-meu-boi “Capricho de União” é comumente chamado de Boi de Seu Lourenço Pinto. Há entre os componentes uma “relativa indistinção hierárquica”, com exceção da relação destes com o “dono do boi”.

Porém, de um modo talvez paradoxal, conforme ressalta Carvalho (2005, p. 204):

É na festa, ao mesmo tempo em que se aproximam e confraternizam, que os brincantes do boi se distinguem, separam e hierarquizam, por meio do desempenho de papéis rituais determinados que adquirem visibilidades distintas na brincadeira.

A equipe de trabalho, responsável pela festa do Bumba-meu-boi “Capricho de União”, começa a fazer seus encontros e primeiras reuniões assim que finda o período carnavalesco, no qual muitos brincam no Bloco “Unidos do Samba”, organizado por Seu Lourenço Pinto.

Seu Lourenço, Romilda, Edivaldo, Dorinaldo, Zé Orelha, Pedro Nogueira e Marizá são alguns dos componentes que dedicam força, tempo, empenho e amor para a realização da brincadeira todo ano.

No momento da festa cada qual assume papéis diversos, adquirindo “visibilidades distintas na brincadeira”: *vaqueiro*, *capataz-gerente*, *cabeceira-cantor*, *palhaço*, *baiante de fita-rajado*, *marujado-baiante de cordão*, *índias*⁵ e *tocadores*.

A hierarquização de um papel imaginário em relação a outro papel é determinado pela função desempenhada na festa, buscando a eficácia do rito. De forma extraordinária, todos mudam suas rotinas diárias, desde o período da preparação até o encerramento da festa.

Os papéis imaginários são reafirmados a cada instante na dança, nos cantos e na gestualidade. A representação cômica enfatiza as relações de poder e coloca no topo da escala social o *cabeceira*. O *vaqueiro-gerente* afirma e enfatiza a sua posição de subordinação ao *patrão-cabeceira* nas falas improvisadas das comédias: “eu não sou o dono, mas sou o capataz.”, diz o gerente da fazenda, dando entender que não tem tanto poder quanto seu patrão, porém deixa claro que, depois deste, é ele quem é o responsável.

Toda essa representação tem caráter efêmero, os papéis imaginários são funções desempenhadas de forma extraordinária apenas numa época, num determinado período do ano. Para Seu Lourenço, o papel de *palhaço*, desempenhado por ele nesse período, difere do *palhaço* profissional: “eu, é uma passagem, é de época e o palhaço é profissão, é direto.”

É na comédia, apresentada a cada ano, que as posições sociais e os papéis são mais evidentes à vista do público assistente. Na fazenda tem-se o *patrão-cabeceira*, após, tem-se o *gerente-capataz-vaqueiro*. Os *baiantes* de cordão e *índias* não têm participação efetiva nas *comédias*, assistidas em Santa Helena, servem de apoio para a trama, como público assistente que observa atentamente e ri em ocasiões diversas. Os *tocadores*, sempre alerta, estão a todo

instante acompanhando os cantos dos *cabeceiras*, dos *vaqueiros* e também dos *palhaços* na trama cômica apresentada. O *palhaço*, único intruso da fazenda, é autor de toda a trama, cria toda uma situação visando despistar todos da fazenda a fim de ter a posse do boi do patrão.

Enfim, o boi, seria no conjunto, o elemento mais importante da brincadeira, ao redor dele toda a trama cômica e toda a festa se desenvolve do batismo até a morte.

Todo um cuidado especial é dedicado à feitura do boi, o bordado em seu couro é renovado a cada ano. A bordadeira Marizá é a responsável pelo desenho, bordado e costura do couro novo do boi, que traz sempre a imagem de São João, santo homenageado nas festas de bumba-meu-boi.

3.4 A refeição e a bebida na festa

Dona Romilda é a principal encarregada da comilança da Festa. A sua maior preocupação é dar comida e bebida aos brincantes. O trabalho na cozinha e na costura é tão grande, que há anos D. Romilda não consegue brincar no boi. No tambor de crioula, sua brincadeira de paixão, ela brinca com vontade, mas no *bumba boi* ela não consegue: “me ajuntei com ele (Seu Lourenço) na brincadeira de *bumba boi* eu brincava de *Apaizano*⁶ (*Marujado*). Este ano, eu comprei um chapéu, mas não pude dançar, tenho vontade de brincar com o boi” (Romilda 17/09/2006).

O trabalho na cozinha começa cedo, dois meses antes da festa de morte ela começa a cortar arroz com Seu Lourenço, nas terras em que possuem para o plantio, a fim de alimentar a festa da matança de boi. Em suas terras, eles plantam milho, mandioca, arroz, verduras, coco babaçu, pescam com tarrafa... Dona Romilda trabalha fazendo carvão “eu junto coco, quebro o coco e faço carvão, vendo a 2,50 a lata, agarro o machado e corto que nem homem”.

Na festa de bumba-meu-boi ela prepara porco e boi como refeição. Para bebida oferece conhaque, cachaça e vinho. O vinho tem grande importância antropológica nas festas de todo tipo, conforme afirma Mafessoli (2005, p.117): “Se a refeição (cozinhar, comer) é uma propedêutica orgiaca, em seu interior o vinho tem igualmente uma importância antropológica que não pode ser negligenciada”.

Para Mafessoli (2005, p.121), o álcool é vetor de dinamismo indispensável ao equilíbrio individual e societal: “é somente quando somos capazes de tomar certa quantidade de vinho que podemos fazer parte de uma turma de companheiros”.

O vinho traz na festa características referentes ao sacramento e ao divertimento, favorecendo as relações, “permite que se chegue a confusão, mas, na maior parte do tempo, favorece a fusão”:

A todo tempo e em todo lugar, a experiência popular está nos lembrando que o álcool excita o instinto sexual. Ele inaugura uma dinâmica de comunhão, introduz uma dilatação em cada um de nós, uma exarcebação dos sentidos, permitindo a expressão do que chamei de consciência popular, que transcende as barreiras ou defesas inerentes a todos os conjuntos sociais. (MAFESSOLI, 2005, p.123).

3.5 A comédia

É o sotaque de zabumba um dos únicos sotaques que ainda apresentam as *comédias-matanças*. Porém, na visão de Azevedo Neto (1997, p. 37) “do auto original são os que mais se afastaram [...] criaram inúmeras variações e – até – novos enredos”.

Suspeitemos desse “auto original”, que pressupõe a história de Catirina e Pai Francisco e vamos encarar essa história como uma possibilidade narrativa, um enredo criado tendo como fundamento a consumação de um desejo.

O importante, para nós, é pensar que esse desejo pode ser apresentado sob diversos aspectos, que não dizem respeito somente ao de comer a língua do boi, de saciar a fome, o sexo, mas de tratar de uma série de problemas de ordem social, apresentados de forma cômica, procurando sempre resolver o problema do boi, em como fazê-lo sumir a cada ano? É nessa etapa, segundo Carvalho (2005, p. 443), “que se aborda, efetivamente, aquilo que os palhaceiros elegem e concebem como ‘o assunto da matança’, isto é, a história principal que se inventa a cada ano, e que distingue e individualiza os bois”.

Porém, não devemos negar a concordância referente a legitimidade da história de Catirina e Pai Francisco, por parte, não só dos intelectuais, mas também por parte dos brincantes do bumba-meu-boi:

Quando me entendi era Catirina e Pai Francisco, quando pensou que não, já era Mãe Catirina e Cazumbá, quando pensou que não era o palhaço (Lourenço Pinto, entrevista em 17/09/2006);

Eu sou um conservador da história. Daquilo que me deu tudo. A origem do bumba boi é o santo. A história é Pai Francisco e Catirina. Tá entendendo? (Seu Betinho, entrevista em 25/10/2004).

No Bumba-meu-boi “Capricho de União” assim como se renovam os instrumentos, as indumentárias, os bordados, também se renovam as matanças, as comédias.

Nos enredos cômicos, na visão de Seu Lourenço Pinto (17/09/2006), as funções dos bichos também foram alteradas:

Antes os bichos matavam o boi. Era matança que tinha. E lá vinha a Onça pra matar o Boi. Não tem mais a morte de bicho, de roubar o boi de Pai Francisco, de Catirina que queria comer a tripa do boi. Os Bichos – dragão, tamanduá-bandeira – antes, engoliam o boi.

Atualmente os bichos, nas comédias criadas por Seu Lourenço Pinto, têm a função de “ajudar a admirar, se não tiver, ninguém se abisma.” Este ano, diz ele, “teve muita diferença: sapo, morcego e esqueleto gigante” (Lourenço Pinto, 17/09/2006).

Dentro da própria **feira de bumba-meu-boi** a *comédia* acaba sendo um acontecimento *extraordinário*. A comunidade de Morada Nova só olha a *comédia* no dia do *batizado* e no dia da *morte do boi*. Nos outros dias dos festejos juninos o boi brinca nos municípios mais próximos, como Turilândia, Pinheiro e Guimarães. “Em Guimarães”, diz Seu Lourenço Pinto, “eles dão muito valor pra nossa comédia”.

No instante da comédia tudo pára, instaura-se um novo tempo, um *metateatro* dentro da própria festa, uma interrupção que leva ao riso, ao *estranhamento*, à admiração.

4. O RISÍVEL⁷ NO BUMBA-MEU-BOI CAPRICHOS DE UNIÃO

Tendo como ponto de partida duas *comédias* observadas, no Boi de Seu Lourenço Pinto, em Santa Helena, Ma, nos anos de 2005 e 2006, respectivamente, opto por identificar neste tópico, fatores que compõem a comunicação cômica, envolvendo a relação entre o sujeito - aquele que provoca a comicidade; o objeto - aquilo do qual se rir e o espectador - a pessoa que ri.

A “matança da vacinação dos bichos” (ANEXO A), apresentada no ano de 2005, e a “matança do morcego” (ANEXO B), apresentada no ano de 2006, ambas criadas por Seu Lourenço Pinto para o Boi Capricho de União, possuem semelhanças importantes quanto aos recursos cênicos, linguagem cômica e temas abordados.

Quando comparada uma *matança* em relação à outra com referência aos aspectos que levam a assistência ao riso, Seu Lourenço responde: “Acharam mais engraçado desse ano, as histórias, e ano passado, o *abis-*

mo.” (Lourenço Pinto 17/09/2006).

O *abismo*, nomenclatura usada por Seu Lourenço para identificar os *objetos-esqueletos*, animados por *homens-baianes*, que dão vida a esse objeto na hora da comédia, está relacionado ao fator surpresa: “quando você olha, você fica admirado”.

Sobre o **fator surpresa** como “condição de todo risível”, Alberti em seus estudos sobre o riso e a história do pensamento, cita Joubert (apud ALBERTI, 2002, p.90):

Em todo risível, diz Joubert ‘é preciso haver algo de imprevisto e de novo, porque o espírito suspenso e em dúvida pensa cuidadosamente no que admirará, e nas coisas engraçadas comumente o fim é inteiramente outro do que imaginávamos, sendo disso que rimos’.

Esse fator surpresa é condição essencial para o riso no boi Capricho de União: “Todo ano querem ver o que eu inventei, faço tudo escondido, fico caladinho, com o juízo maquinando”, diz Seu Lourenço.

Na “matança da vacinação dos bichos”, teve *cobra, porco, onça e jacaré*. Cada bicho que entrava era uma surpresa e motivo de risada. Na “matança do morcego” tinha *esqueleto* gigante, sapo, morcego, mas era a história, segundo Seu Lourenço, que conseguia tirar mais risos da assistência nessa *matança*.

Na história do pensamento sobre o riso, Alberti (2002, p. 91) também enfatiza outra condição de todo risível, desdobrado em duas circunstâncias, recorrentes em seus estudos: “os risíveis não penetram os sentidos quando não estamos prestando atenção neles” e “podemos ainda não entender os risíveis, porque são falados em voz muito baixa ou em língua estrangeira”.

Essa é uma condição que não é favorável às apresentações das *comédias* no Bumba-meu-boi. As *comédias* são apresentadas no contexto da festa, no qual bebida, falatório, ruídos de todo tipo são sonoridades presentes junto às dramatizações cômicas. Além do fator silêncio ser um obstáculo para entender os risíveis falados nas comédias do bumba-meu-boi, as *caretas* utilizadas pelos palhaços também são um impedimento para a palavra falada, pois ao cobrir a boca com a máscara de borracha ou de papel, as falas acabam chegando muito baixas até a assistência, que não escuta boa parte dos diálogos.

“As coisas risíveis podem ser encontradas nos homens, nos discursos e nos atos”, já dizia Aristóteles em sua *Poética*, conforme observa Alberti (2002, p. 53) enfatizando que essa “tipologia é retomada por outros autores, estando possivelmente na origem da divisão do objeto do riso em ‘cômico de ação’ e ‘cômico de palavras’”.

Devido à dificuldade de receber a **narrativa cômica**, nas comédias apresentadas no período da festa de bumba-meu-boi, as **ações cômicas** são as que mais levam ao **riso**. Cenas de pancadaria, quedas e surgimento dos *objetos animados-abismos* são exemplos de momentos que levaram ao riso o público assistente das duas comédias observadas no bumba-meu-boi Capricho de União.

A queda cômica é um dos temas mais recorrentes na história do pensamento sobre o riso: “ela trai o caráter ilusório da estabilidade, os que vêem uma pessoa cair passam, como ela, de um mundo em que cada coisa é estável para o mundo escorregadio” (ALBERTI, 2002, p. 201).

Cenas ligadas ao sexo e ao baixo corporal também foram momentos que levaram boa parte da assistência ao riso nas duas *matanças* observadas. A presença do risível ligado ao baixo corporal, que frequentemente faz parte das apresentações cômicas, é destaque nos estudos de Bakhtin (1987) sobre o riso popular, especialmente com ênfase nas características mais exageradas, permitidas nas comédias de bumba-meu-boi, conforme afirma Carvalho (2005, p. 447): “A ‘obscuridade ambivalente’, que, segundo Bakhtin é ‘derivada do baixo material e corporal’, não agride nem ofende as famílias do interior que costumam freqüentar as matanças.”, pelo contrário, é razão para o riso, palmas, aprovação e descontração.

Além das ações que levam à “obscuridade ambivalente”, “os ditos picantes, as zombarias, os trocadilhos, os equívocos, os ditos ambíguos e que levam ao engano”, são, segundo Joubert (apud ALBERTI, 2001, p.91) “risíveis exclusivos ao ouvido”.

E como tal, esses “risíveis exclusivos ao ouvido”, estão presentes nas comédias do bumba-meu-boi, como no diálogo entre o *palhaço* e o *cabeceira* na “matança do morcego”:

PALHAÇO – eu tô’ vindo fugido de um casal de vampiro, de um tal de morcego, ele entrou na minha casa querendo me chupar, querendo chupar a minha velha, e fomo obrigado a correr.

CABECEIRA – e ele chupou a sua velha?

PALHAÇO – Daonde! Deixamo tudo pra trás, tudo, tudinho.

Seu Lourenço Pinto (17/09/2006) destaca três pontos que fizeram da *comédia* de 2006 (ANEXO B) a comédia que teve mais risada, mais graça, em comparação com a do ano de 2005 (ANEXO A):

1.Figuras, comparando com alguns vizinhos. Quando olharam tiraram a separação, reconheceram a aparência com conhecidos;

2. Morcego chupando a velha. Caso do jornal que aconteceu no extremo do Maranhão com o Pará: - acertei fazer parecido com o morcego, ficaram admirados!
3. Bateria certa e preparo das tapuias.

Sobre o primeiro ponto risível citado por Seu Lourenço, o que leva a assistência ao riso é a identificação da pessoa conhecida na forma de caricatura, através de caretas em bonecos ou através da identificação de nomes de pessoas conhecidas dados aos bichos. Essa ação pode trazer desavenças, além de trazer riso e crítica social.

Na “matança do morcego”, Seu Lourenço fez a careta da velha Vegília e conforme depoimento de Dona Romilda, o fato desagradou a família de Vó Vegília e a situação ficou mais constrangedora no instante de seu falecimento, antes do término do ciclo do boi. Na morte do boi, Seu Lourenço fez outra careta por cima, pra dizer que não era Vegília:

Esse ano eu escutei ele dizer: - Nós vamos fazer uma careta igual à Dona Vegília.

Preocupada fui até a casa de Dona Vegília e avisei o neto dela Luizinho: - quando Lourenço vim aqui esconde Vegília, que o barro ta no sol!

No dia em que Lourenço foi lá ver: Cadê mãe Vegília? Tava entocada! Mas... ele já tinha visto antes...

No dia mesmo do batizado, 22 de junho, as pessoas reconheceram: - Olha a Mãe Vegília! Disse um sobrinho.

Mãe Vegília faleceu em setembro, quando foi no velório o sobrinho dela pegou Lourenço e levou na sepultura e disse: - tu tem que pedir perdão, que tu fez a careta dela! (Romilda 17/09/2006).

Sobre o segundo ponto destacado por Seu Lourenço Pinto, fatos do cotidiano, que são por vezes trágicos, são apresentados de forma cômica nas *matanças* criadas por ele. Na “matança da vacinação dos bichos”, além do caso da cobra, houve o caso da morte de idosos por conta da vacinação contra gripe. Na “matança do morcego”, houve o caso do morcego hematófago que transmitia raiva humana no município de Turiaçu, MA. Foram mais de doze óbitos em outubro de 2005. O caso se estendeu ainda por alguns municípios das proximidades de Turiaçu, em Godofredo Viana, Cândido Mendes e em Carutapera⁸.

O caráter trágico é transformado em cômico. Temas sérios, nas comédias, sofrem uma inversão e são tratados como elementos risíveis. Ao mesmo tempo

em que se ri do trágico também se toma consciência do fato e do assunto, como exposto no diálogo do *capataz* com o *cabeceira*:

CAPATAZ - Ele tava se escondendo do morcego, que chamam vampiro, então com muita luta consegui ele, daqui com uns dois minutos ele ta chegando por aqui, mas tava escondido demais com medo do vampiro, e isso aí pode até abranger por aqui. [...]

CABECEIRA – [...] Vaqueiro ele quer uma hospedagem pra ficar aqui até amanhã, o que é que você acha? Pra ficar aqui até de manhã, com a mulher dele, com medo do morcego, o que você acha? Aqui nunca teve esse bicho!

CAPATAZ – eu já tô até com medo, mas agente vai ajeitar um cantinho ali pra ele pra não atrapalhar a nossa brincadeira.

CABECEIRA (canta) - O meu santo eu já perdi o meu sossego/ Eu já tô desconfiado da chegada do morcego.

A bateria certa e o preparo das índias como terceiro ponto justificado por Seu Lourenço, relacionam-se com o conjunto da brincadeira. A comédia é apresentada no contexto da festa e tudo tem que estar em sintonia, o bailado das índias que anima o cordão e a assistência, e a bateria que é responsável por todo andamento da brincadeira.

Em todos os três pontos, destacados por seu Lourenço, o fator surpresa é consideravelmente o responsável pelo sucesso da *comédia*. Quando Seu Lourenço diz “acertei fazer parecido com o morcego, ficaram admirados!” ele está sempre esperando surpreender, fazer o inesperado, melhor do que antes, seja nas caretas, nas histórias, nos *esqueletos-abismos*, na bateria ou no bailado do cordão.

Nem sempre a *comédia* criada no ano é melhor que as *comédias* dos anos anteriores. Tem *comédia* que fica na história dos *baiantes* e da assistência, que nunca será esquecida. Curtinho, como é conhecido o filho de seu Lourenço, que também faz palhaço nas comédias, diz que para ele, a melhor dos últimos cinco anos foi a “matança do urubu”, cujos objetos estão expostos na Casa do Maranhão, museu do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira, filho/ Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão – SEC-MA.

Para Seu Lourenço, a “matança da alma” é destaque dentre outras: o *pa-*

lhaço diz ao *capataz* que sonhou com um tesouro enterrado, que foi o espírito que falou. Depois de convencer o *capataz* e o patrão ele cava e acha o tesouro, fato que deixa a assistência admirada, pois antes de começar a brincadeira eles sempre enterravam o tesouro para na hora acontecer o inesperado: o tesouro estar mesmo no lugar falado pelo *palhaço*. No sonho, a alma pediu festa como oferta, o *palhaço* gasta o dinheiro, arranja mulher e não paga a promessa de fazer festa de tambor. A alma então persegue o *casal cômico*. Nesse tempo o boi some.

Há pontos em comum nas *matanças* que observei ou escutei sua narração, com aquelas também analisadas por Luciana Carvalho (2005) na sua tese de doutorado:

- O *palhaço* aparece sempre primeiro e fica rondando como quem não quer nada, “o palhaço vem por ali pra dar aquele início. - Rapaz já vai começar a comédia. Aí chefe entra, cantor canta e começa a piadinha: - seu chefe, meu patrão, pra poder ir encostando, pra fazer o acordo com ele e depois do acordo vai chamando para o que vai apresentar.” (Lourenço Pinto 20/01/2007).

- Os assuntos das *comédias* são renovados a cada ano. Idéias tiradas do cotidiano, de sonhos ou de fatos reais, sempre apresentadas de forma cômica.

- A *comédia* é sempre uma surpresa, todos só vão poder assisti-la a partir do dia do batizado.

- A *comédia* tem um caráter efêmero e presencial. O roteiro, que parte da criação individual de Seu Lourenço, previamente combinado com a equipe que irá representar todos os papéis, abre-se no momento da brincadeira, para a improvisação de falas, gestos e cantos, conforme a criatividade de cada intérprete.

- Relaciona nos diálogos e nas tramas cômicas: *Palhaço / Vaqueiro; Vaqueiro / Patrão; Palhaço / Patrão* tendo sempre o boi como conflito principal.

- Cada história que é contada, inventada e apresentada traz como objetivo as artimanhas e boa lábia dos *palhaços* para fazer sumir o *boi querido* do patrão. O problema do *mito do sumiço* e da *perda do boi querido* é ponto comum nas *matanças*.

- O momento da chegada do novo boi é sempre momento de festa e de alegria, tanto faz se o boi é o mesmo com couro novo, se foi ressuscitado, se foi comprado, se foi sarado ou se foi trocado. O que importa é que depois do roubo, o “*espectante* vai olhar o boi com outro desenho”, como diz Seu Lourenço Pinto.

ABSTRACT:

Taking an empirical view, the presentations of the comedy in Saint Helena, and as theoretical bases, the studies on myth and rite and party and laugh, this text searches to analyze the comic communication in the Bumba-meu-boi “Capricho de União”.

Key-words: Bumba-meu-boi. Comedy. Party. Laugh. Maranhão.

NOTAS

1 Este texto é parte da dissertação de mestrado intitulada “O Cômico no Bumba-meu-boi” apresentada pela autora no Mestrado em Ciências Sociais, da UFMA, em fevereiro de 2007.

2 Informações recolhidas no site [http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Helena_\(Maranh%C3%A3o\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Helena_(Maranh%C3%A3o))

3 O termo “cantador” é mais utilizado para a denominação dessa função, porém “cantor” é o termo utilizado por Seu Lourenço, no qual se justifica “dizem que o nome é cantador, mas sempre aprendi que era cantor e não consigo chamar de outro jeito”.

4 Toada com questões políticas da atualidade na ocasião da campanha de reeleição do Presidente Lula, no Brasil, marcada para acontecer no mês de outubro de 2006. A toada mostra o posicionamento político do cantador, que nem sempre é o do dono da festa, pois nessa mesma ocasião, ele cantou toada para Jackson Lago, no barracão decorado por bandeirinhas com imagens de Roseana, ambos candidatos ao governo do Maranhão, nas eleições de outubro de 2006.

5 As índias, assim como o toque rápido da zabumba lembrando o ritmo da orquestra, foram incorporadas no cordão do boi de Seu Lourenço Pinto, de uns quatro anos pra cá. Inspirado nos bois de orquestra, essa atitude, segundo Seu Lourenço deu mais graça e oportunidade de inserir mais mulheres no cordão e também foi uma forma de animar e incentivar mais a brincadeira, “de deixar o boi mais bonito”.

6 Apaizano é só com a roupa com brilho sem as fitas, diferente do chapéu de fita.

7 Chamo Risível conforme nomenclatura utilizada por Alberti (2002) para designar “objeto do riso em geral, aquilo de que se ri. Assim, risível corresponde ao que também recebe o nome de cômico”.

8 Dados retirados do site http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/nota_raiva.pdf

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível**: na história do pensamento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

AZEVEDO NETO, Américo. **Bumba-meu-boi no Maranhão**. 2. ed. São Luís: Alumar, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1987.

CARVALHO, Luciana. **A graça de contar**: narrativas de um pai Francisco no bumba-meu-boi do Maranhão. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CARVALHO, Maria Michol. **Matracas que desafiam o tempo**: é o bumba-meu-boi do Maranhão - um estudo da tradição/modernidade na cultura popular. São Luís: [s.n.], 1995.

CORRÊA, Alexandre. Teatro das memórias sociais e do patrimônio cultural: a educação patrimonial em perspectiva. In: LIMA, Manoel Ferreira; BEZERRA, Márcia. (Org). **Os caminhos do patrimônio no Brasil**. Goiânia: Alternativa, 2006.

MAFESSOLI, Michel. **A sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. 2.ed. São Paulo: Zouk, 2005.

MARQUES, Ester. Tradição e modernidade no bumba-meu-boi. In: NUNES, Izaurina (Org.). **Olhar, memória e reflexões sobre a gente do Maranhão**. São Luis: Comissão Maranhense de Folclore, 2003.

MINOIS, George. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

TURNER, Victor. **O Processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VASCONCELOS, Gisele Soares de. **O Cômico no bumba-meu-boi**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2007.

ANEXO A - Roteiro “matança da vacinação”

Palhaço entra pedindo para o vaqueiro para vacinar seus bichos. Vaqueiro diz que a vacina já passou por lá.

Palhaço insiste e Vaqueiro diz que não pode resolver nada porque ele é apenas o capataz e não o dono da fazenda e pergunta qual é o tipo de bicho que o palhaço quer vacinar, Ele começa a dizer uma série de bichos sem parar: Eu tenho porco, cavalo, carneiro, cachorro, gato... Vaqueiro diz que não pode deixar sem a permissão do patrão. E também que lá é muito perigoso por que tem uma floresta próximo, que tem uma cobra... Palhaço responde dizendo que também é muito perigoso

Vaqueiro fala pro patrão e patrão permite deixar os bichos, mas não se responsabiliza

Palhaço entra com Safadinho, seu filho, e sua criação de porcos. Safadinho fica pra tomar conta dos bichos e dorme no serviço.

A onça vem e assusta Boi, que foge, enquanto Safadinho dorme

A onça leva então um dos porcos.

O jacaré vem e leva outro porco.

Patrão entra e nota o sumiço dos animais e também nota o sumiço de seu boi. Chama o vaqueiro, que chama o palhaço, que chama o Safadinho, que está dormindo

Palhaço encontra Safadinho dormindo e pergunta pelos animais.

Tem início uma série de agressões físicas em cima de Safadinho.

O Palhaço tira o chicote e bate em Safadinho. Manda ele ir atrás do Pica Pau, pra ele trazer toda a sua cachorrada. E pra ir ligeiro, bate mais em Safadinho.

Safadinho chama o padrinho Pica Pau/ Pica Pau chega com uma máscara disforme, com um olho só/ Fala como perdeu o olho e chama o cachorro

Cachorro chega, fica se esfregando e faz xixi na perna do Pica Pau/ Cachorro não quer ir atrás dos bichos, não obedece

Pica Pau põe fogo no rabo do animal/ cachorro sai arrastando o traseiro no chão/Sai em disparada e entra num buraco

Palhaço vai procurar o cachorro e fica preso/ uma cobra morde a perna do palhaço. Sem poder sair, chamam o salvador, um policial que dá um tiro na cobra e salva o palhaço

A onça chega e ataca a todos

Vaqueiro conta sobre o sumiço do bicho. Patrão manda ir atrás do boi. *Baiantes* trazem um novo boi e cantam: VAQUEIRO TÔ DE VOLTA PRA FAZENDA/ VIM TRAZER UMA PRENDA/ QUE O PATRÃO MANDOU BUSCÁ...

ANEXO B - Roteiro “matança do morcego”

Chega o primeiro palhaço oferecendo uma jóia para o vaqueiro da fazenda. O palhaço é secretário do pessoal da 3ª idade, diz que um casal de idosos tem uma jóia pra apresentar p/ São João.

Vaqueiro conta o desejo do palhaço para o patrão e pede pra que ele fale pessoalmente com ele, que se chama Cajó.

Cajó convence o patrão de que o presente é muito importante, que é coisa séria.

Vaqueiro faz meia-lua e recebem o carneiro como presente dos idosos para São João.

Cabeceira canta: Segue na frente vaqueiro/Segue na frente vaqueiro/Vamos fazer meia lua/
Com esse grupo brasileiro

O casal de idosos – bonecos gigantes - que levam o carneiro, gostam da brincadeira, entram na dança e não querem mais sair

Palhaço tem a idéia de dar um susto no casal:

Eu vou chamar Rei Quirino/Pra me fazer um favor/Botar esses veio’ pra casa/Que já tá’ me dando um calor

O sapo chega saltando neles, os idosos correm e vão se embora.

Com a confusão do sapo, o boi some. O Patrão sente falta do boi e pede notícias ao vaqueiro, que diz que não sabe do boi, o jeito vai ser comprar outro:

Patrão - Vaqueiro só que tu não deixou’ de errar, por que tu facilitou muito, eu já cansei de dizer pra ter cuidado na fazenda quando chegar costeiro, não deixar chance pra costeiro, tu sabe que essa gente que anda assim é só pra dar prejuízo na fazenda.

Vaqueiro vai atrás do Cajó, pra ele dar conta do Boi que sumiu e encontra o 2º palhaço que está atrás de hospedagem, pois ta fugindo do morcego:

Patrão – como vai o senhor?

Palhaço 2 – eu não to bem não!

Patrão – como se chama sua graça

Palhaço 2 - Manoel

Patrão – Seu Manoel afim de que o senhor ta’ aqui na nossa brincadeira

Palhaço 2 – de hospedagem, eu não tô’ de brincadeira eu tô’ falando sério.

O Patrão permite a hospedagem e o casal vai dormir.

Cabeceira canta: O meu santo/já pedi o meu sossego/Eu já to desconfiado/
da chegada do morcego

Morcego aparece e chupa a mulher no pescoço e o homem nas nádegas.

O casal acorda e sai correndo

O Patrão decide mandar o vaqueiro comprar um boi:

- Eu vou fazer o seguinte, já veio dois enrolão aqui, o boi desapareceu, não veio ninguém se entender, então eu vou chamar meu vaqueiro e mandar depressa comprar um boi, que nós não pode ficar sem boi aqui na nossa fazenda.

Vaqueiro leva novo boi pra fazenda. Todos se agradam do novo boi, tocam o maracá e batem palmas em sinal de aprovação.